



²³ Agostinho, *Retractationes*, 1, 13, 3.

²⁴ Cf., RAHNER, K., *El cristianismo y las Religiones non Cristianas*, in ET, vol. V, 135-156.

²⁵ Daqui porque não se pode classificar essas expressões como simples «religiões naturais», o que significaria que «ela não é realmente uma religião ... não poderia de forma alguma realizar aquilo que é o seu fim, isto é, a salvação do homem; em outras palavras, seria meramente uma aparência de religião» (PANIKKAR, R., «Hinduísmo e cristianismo», in VVV., *Ecumenismo das Religiões*, Vozes, 1971, 219-220).

²⁶ Dupuis, J., *Jesucristo*, 180.

²⁷ No contexto do diálogo interreligioso, a missão da Igreja não deverá colocar a preocupação de obter novos membros na instituição religiosa acima do objetivo de ajudá-los a encontrarem-se, verdadeiramente, com Deus. É nesse sentido que alguns dos maiores expoentes do diálogo interreligioso do nosso tempo, ao referir-se à Igreja como sacramento de salvação, afirmam que isso significa que a missão da Igreja consiste também em auxiliar os membros das outras religiões a progredirem em seu caminho de história da salvação e, em certo sentido, poder colaborar para que eles se aperfeiçoem no cumprimento dos seus próprios princípios religiosos (Cf., AMALADOSS, M., «Théologie indienne», in *Études*, 3783 (1993) 346-347; ZAGO, M., «A evangelização em ambiente religioso asiático», in *Concilium*, 134 (4) (1978) 85; TEIXEIRA, F., *Teologia das Religiões*, 94, nota 187).

²⁸ Situam-se nessa direção sobretudo: DANIELOU, J., *Il Mistero della Salvezza delle Nazioni*, Brescia, Morcelliana, 1966; LUBAC, H. de., *Paradosso e Mistero della Chiesa*, Milano, Jaca Book, 1980; BALTHASAR, H. Urs von., *Cordula, ovvero il Caso Serio*, Brescia, Queriniana, 1969.

²⁹ O teólogo K. Rhaner foi um dos iniciadores dessa teoria, desenvolvida agora por tantos outros, dentre os quais destaca-se o belga Jacques Dupuis, *Jesucristo*, 178.

³⁰ Dupuis, J. *ibid*

³¹ *Sínodo sobre a evangelização no mundo moderno*, 1974, in DUPUIS, J., *Jesucristo*, 302.

³² *A atitude da Igreja Católica frente aos seguidores de outras Religiões – Reflexões e orientações sobre diálogo e missão*, in SEDOC, vol. 17, fasc. 176, nov./1984; col. 387-399.

Endereço do Autor:

ITESC - Cx. Postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS SC

ENCONTROS

Teológicos

Este artigo é um tributo à memória do Pe. João Alfredo Rohr, SJ, falecido em 1984 após 40 anos de residência e atividade aqui em Florianópolis, e cujo “legado de arqueólogo” muito contribuiu para o conhecimento dos vestígios históricos dos primitivos habitantes do nosso Estado. Depois do seu primeiro artigo nessa área, intitulado Contribuição para a etnologia indígena do Estado de Santa Catarina, ele chegou a publicar cerca de 90 títulos dando conta de suas escavações e pesquisas arqueológicas, especialmente nos sambaquis da Ilha de Santa Catarina mas também em outros pontos do Estado, inclusive na longínqua Itapiranga. É dele também a iniciativa da criação do “Museu do Homem do Sambaqui”, no Colégio Catarinense, no início da década de 60.

O Legado do Arqueólogo Pe. João Alfredo Rohr

Teresa Domitila Fossari

Arqueóloga do Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues
Cabral da UFSC

Artigos



João Alfredo Rohr nasceu em Lajeado (RS) em 1908, sendo ordenado sacerdote em 1939. Na década de 40 foi transferido para Florianópolis, onde permaneceu até sua morte em 1984. Nesta cidade exerceu suas funções de sacerdote e professor no Colégio Catarinense – respondendo pela cadeira de Física e Química.

A carreira de professor, entretanto, foi substituída pela de arqueólogo, função que desempenhou com dedicação desmedida por mais de 30 anos de sua vida. Os resultados deste seu trabalho constituem o que hoje identificamos como o “legado intelectual” do padre Rohr, cuja maior contemplada é a cidade de Florianópolis.

Ainda na década de 40, Pe. Rohr deu o primeiro passo na direção de sua longa carreira de arqueólogo ao adquirir a *Coleção Carlos Berenhauser* - um acervo integrado por artefatos arqueológicos provenientes de todo o Estado de Santa Catarina, reunidos por Carlos Berenhauser, durante mais de 20 anos (cf. Beck, 1969)¹.

Por outro lado, na sua primeira publicação, intitulada *Contribuição para a etnologia indígena do Estado de Santa Catarina* (Rohr, 1950)², descreve alguns tipos de sítios arqueológicos que descobriu na Ilha de Santa Catarina, dando indicações da localização de alguns deles. Começou, assim, uma de suas maiores obstinações, a proteção do patrimônio arqueológico catarinense. Patrimônio este que encerra as marcas incontestáveis das ocupações humanas que iniciaram o primeiro capítulo de nossa história, o período pré-colonial.

A sua estréia como arqueólogo, entretanto, aconteceu na década de 50, quando escavou o sítio de Caiacanga Mirim, na Ilha de Santa Catarina. Tratava-se das evidências de uma ocupação pré-colonial, assentada próxima à praia, na localidade da Base Aérea, junto à baía sul. Esta pesquisa, em caráter de salvamento, foi motivada pelo péssimo estado de conservação do referido sítio, do qual, conforme Rohr (1959:204-5)³,

“restava apenas pequena parte, talvez dez por cento, tendo o grosso da jazida sido destruída na exploração do areal sobre o qual assentava (...) Para fazer-se uma idéia aproximada da extensão (...) basta dizer que os operários mais antigos da turma de tarefeiros da Base afirmam, virem quebrando crânios já durante 15 anos. (...) Por algumas sondas (...) e por informações, colhidas dos operários, a jazida deve ter abrangido uma área acima de 1.000 m². Tudo faz crer que toda a área da praia, num comprimento de 300 a 400 metros por, aproximadamente, 50 metros de largura (...) incluindo o prédio do corpo de guarda, os angares, as oficinas e parte da estrada geral da Base Aérea. Afirmam os operários, que, nas escavações, para lançamento dos fundamentos de todos aqueles prédios, topavam com esqueletos.”

A constatação da perda irreparável de uma documentação que teria muito a ser investigada - as dimensões do sítio da Base Aérea indicam local de uma antiga aldeia - certamente foi um dos estímulos que levaram Pe. Rohr a lutar pela preservação do nosso patrimônio arqueológico. A partir da divulgação dos resultados desta sua primeira pesquisa, ele ganhou notoriedade e passou a integrar a comunidade dos arqueólogos brasileiros, da qual tornou-se um dos maiores expoentes.

Pe. Rohr sob a ótica de alguns colegas

Para traçar um rápido esboço da personalidade do Pe. Rohr, nós destacamos alguns depoimentos formulados por colegas, em homenagens pós-morte, porém, transcritos aqui com outras palavras.

João Alfredo Rohr SJ foi um homem cuja vida nada teve de extraordinário, um jesuíta e professor, reservado, metódico, rigoroso e justo; homem de ciência e cultura que tocou o coração de milhares de pessoas que o conheceram pessoalmente ou por meio de seus escritos – segundo o também jesuíta e arqueólogo, Pe. Pedro Ignácio Schmitz⁴.

Um arqueólogo que passou a ser cognominado o “Pai da Arqueologia Catarinense”, aquele que iniciou a Arqueologia científica no Estado de Santa Catarina – conforme o botânico e cônego Pe. Raulino Reitz⁵.

Um gaúcho que se dedicou à arqueologia catarinense, um colega afável e sempre disposto a informar sobre seus “achados”. Foi devido à sua tenacidade e empenho profissional que passou a ser reconhecido nacional e internacionalmente. Um pesquisador incansável, que percorreu o Estado de Santa Catarina buscando identificar e cadastrar sítios arqueológicos. Na sua



luta pela proteção dos sítios arqueológicos da destruição avassaladora a que vinham sendo submetidos, Rohr foi transformado de protetor em réu, acusado de infringir a Lei de Imprensa em um processo judicial, que acabou sendo engavetado, mas que certamente muito o magoou, conforme um comentário das arqueólogas Maria José Reis e Teresa Domitila Fossari⁶.

Poderíamos acrescentar que, para nós, foi um privilégio conhecê-lo pessoalmente, poder conversar com ele, ouvir os relatos sobre suas experiências profissionais, seus conselhos, deixar que o seu entusiasmo pela arqueologia nos contagiasse, em encontros sempre muito agradáveis. Ele gostava de receber visitas interessadas no seu trabalho.

Uma síntese dos feitos de Pe. João Alfredo Rohr

Do vastíssimo trabalho desenvolvido pelo Pe. Rohr apresentamos, a seguir, alguns feitos que ainda em vida lhe proporcionaram o reconhecimento por parte dos seus colegas arqueólogos e, inclusive, de profissionais de áreas afins.

Inúmeras foram suas incursões pelo Estado de Santa Catarina, percorrendo-o palmo a palmo e denunciando o desmantelamento dos sítios arqueológicos. Registrou e cadastrou centenas de sítios - tanto em áreas do litoral quanto do planalto e, inclusive, do extremo oeste - tendo em vista a proteção e preservação dos mesmos. Em dezenas deles efetuou escavações arqueológicas, financiadas em grande parte pelo CNPq (Bolsa de Pesquisador).

Ele chegou a publicar cerca de 90 títulos que tratam, em grande parte, de suas pesquisas arqueológicas, as quais resultaram na produção de conhecimento sobre ocupações pré-coloniais de diferentes áreas do Estado de Santa Catarina. Aliás, a grande maioria das informações disponíveis sobre as ocupações pré-coloniais da Ilha de Santa Catarina tem em Rohr suas fontes.

Por outro lado, a sua preocupação em obter datações de todas as ocupações pré-coloniais que pesquisou, permitiu o estabelecimento dos principais marcos cronológicos do primeiro período da história catarinense. Período este que, segundo provas conseguidas pelo Pe. Rohr⁷ - retiradas de restos de uma fogueira encontrada a 4,5 m de profundidade, em um sítio situado às margens do Rio Uruguai, município de Itapiranga - teria se iniciado há pelo menos 8.000 anos na região oeste.

O rigor com o qual empreendia as pesquisas de campo serviram, e



vem servindo, de subsídios para trabalhos de outros arqueólogos, inclusive estrangeiros. Aliás, o material arqueológico (artefatos, ecofatos⁸ e sepultamentos), que Pe. Rohr coletou através de inúmeras escavações, atraiu, e continua atraindo, especialistas provenientes de outros estados brasileiros e estrangeiros, que trabalharam em seu laboratório, levantando informações para seus estudos arqueológicos e, inclusive, de áreas afins, principalmente aqueles vinculados à Antropologia Biológica e Zoologia. Comprovando, desta maneira, que tanto as fontes de dados, quanto o acervo material que reuniu, constituem um importante legado a serviço de interesses científicos.

Acrescente-se que, apesar de não ter cursado nenhuma pós-graduação na área de arqueologia, não deixa de ser sintomático que Pe. Rohr, por exemplo, foi membro da banca de Livre Docência da arqueóloga Anamaria Beck, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. Ou que suas pesquisas, no sítio da Armação e da Tapera, fundamentaram, respectivamente, as dissertações de mestrado de Marco Nadal Demasi e de Sérgio Silva, defendidas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

De outro modo, vale a pena acrescentar, é quase impossível produzir conhecimento sobre as populações pré-coloniais - que ocuparam o atual território de Santa Catarina no seu passado mais remoto - sem citar alguma publicação de Rohr. Tal fato pode ser verificado nas referências bibliográficas de muitos autores da literatura arqueológica catarinense contemporânea.

No início da década de 60, Pe. Rohr criou o "Museu do Homem do Sambaqui", no Colégio Catarinense. A criação e dinamização desse museu não podem ser vistas como mera mostra de objetos retirados de sítios arqueológicos, mas sim avaliada dentro do contexto da obra de Rohr, pois é fruto de sua determinação obstinada pela defesa, preservação e valorização do patrimônio arqueológico do Estado de Santa Catarina. O "Museu do Homem do Sambaqui" constituía, para o Pe. Rohr, um canal de divulgação do conhecimento que vinha produzindo sobre as populações pré-coloniais da Ilha de Santa Catarina.

Algumas considerações sobre a obra escrita do Pe. Rohr

Após quase vinte anos do desaparecimento do Pe. João Alfredo Rohr, oportuno se faz uma reflexão sobre sua maneira de praticar arqueologia, revelada em grande parte de suas publicações. A importância da obra que deixou escrita não se restringe apenas ao montante dos dados nela reunidos - sobre diferentes populações do período pré-colonial em nosso Estado -



mas por que também encerra dados de outras naturezas.

Referências, por exemplo, a aspectos da paisagem na qual as diferentes ocupações pré-coloniais estavam inseridas; informações sobre grupos indígenas de áreas onde realizou levantamentos arqueológicos; referências a certas crenças populares que explicariam a presença das evidências arqueológicas em determinados locais, são uma constante na literatura produzida pelo Pe. Rohr.

Por outro lado, no que se refere mais precisamente à Ilha de Santa Catarina, alguns dos seus escritos constituem importantes referências sobre as transformações que ocorreram na paisagem da mesma, desde a época em que Rohr a descreveu. Por exemplo, é possível avaliar as transformações provocadas pela especulação imobiliária, a partir do seguinte comentário de Rohr (1967:721)⁹

“Onde quer que, atualmente, se encontre uma praia particularmente amena e piscosa, com toda a certeza encontraremos também vestígios inequívocos da passagem do homem pré-histórico. Inclusive temos a impressão nítida de que as praias, em tempos idos, eram mais densamente povoadas que nos tempos atuais.”

Os registros de Rohr apontam para a ocorrência de dezenas de sítios arqueológicos, que teria descoberto na Ilha. Entretanto, no final da década de 80, um recadastramento - realizado pela equipe de arqueologia do Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral da UFSC - revelou o desaparecimento de muitos deles. Do total dos sítios cadastrados por Rohr, somente 30% deles se apresentaram em estado de conservação razoável. Provavelmente, se realizássemos um levantamento neste sentido hoje, obteríamos um índice bem mais desalentador.

Leituras mais atentas permitem, inclusive, levantar dados até de notas de agradecimento, uma constante nas introduções de seus trabalhos. Em Rohr (1959)¹⁰, por exemplo, uma destas notas evidencia o apoio que recebeu de certas autoridades e de outros colaboradores, aos quais agradece e, ainda, atesta que os cuidados dispensados aos registros de suas escavações vêm desde a sua primeira escavação.

A leitura dos seus trabalhos, também, revela as preocupações Pe. Rohr em, por exemplo, com a formação do sítio arqueológico que está apresentando; com as motivações que levaram a população do passado a abandonar o local que deu lugar ao sítio arqueológico; em praticar arqueologia



experimental. Neste caso, vale a pena ressaltar que esse tipo de preocupações, hoje corriqueiras na produção arqueológica, de um modo geral, não fazia parte da arqueologia brasileira produzida entre as décadas de 60 e 70 - período no qual Rohr trabalhou com maior intensidade.

Trata-se, portanto, de tema que merece ser aprofundado. Só assim estaremos capacitados para avaliar qualitativamente a contribuição do Pe. Rohr à arqueologia catarinense. E, ainda, verificar até que ponto esta contribuição pode ser entendida como lições de arqueologia e dela tirar melhor proveito. Por isso, limitamo-nos aqui apenas a mencionar algumas destas preocupações com o único objetivo de instigar o leitor a uma (re)leitura dos escritos de Rohr, pois vale a pena.

Notas:

¹ BECK, Anamaria. Nota sobre duas coleções de pontas de flecha, *Pesquisas*, São Leopoldo, 20 (41-59), 1969.

² ROHR, João Alfredo SJ. Contribuição para a etnologia indígena do Estado de Santa Catarina, in ANAIS DO PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA CATARINENSE, Florianópolis, volume II, 3-120, 1950.

³ ROHR, João Alfredo. Pesquisas paleoetnográficas na Ilha de Santa Catarina, *Pesquisas*, Porto Alegre, 20, 1959.

⁴ SCHMITZ, Pe. Ignácio. SJ. O jesuíta e o professor, in: *Aspectos da vida e obra de João Alfredo Rohr*. Florianópolis, Conselho Estadual de Cultura, 1985: 9-15.

⁵ REITZ, Cônego Raulino. O cientista, in: *Aspectos da vida e obra de João Alfredo Rohr*, Florianópolis, Conselho Estadual de Cultura, 1985: 19-31.

⁶ REIS, Maria José & Fossari, Teresa Domitila. In memoriam do arqueólogo Pe. João Alfredo Rohr, *Anais do Museu de Antropologia*, Florianópolis, 17:3-4, 1984.

⁷ ROHR, João Alfredo. Achados arqueológicos em Itapiranga, *Pesquisas*, São Leopoldo, 18 (47-48), 1968.

⁸ O termo *ecofato* designa os materiais orgânicos ou inorgânicos (como ossos, conchas, argila e fragmentos de rochas), cuja presença no sítio pode representar parte dos elementos da paisagem coletados e utilizados, como recursos alimentares ou para a produção de artefatos.

⁹ ROHR, João Alfredo. A exploração científica da aldeia pré-histórica da Praia da Tapera (II). *Vozes*, ano 61, agosto de 1967.



¹⁰ *Fruto dos esforços conjugados de muitos, o presente trabalho não tem pretensões do ser completo e, muito menos, livre de falhas. Cumpre-nos salientar, sobretudo, o cooperação de Balduino Rambo e Ignácio Schmitz, S. J., que nos animaram a publicar o trabalho e nos ajudaram na medição e descrição dos crânios. Merecedores de agradecimentos especiais tornaram-se o Sr. Dr. Aderbal Ramos da Silva, ex-governador do Estado e proprietário da Firma Hoepke, que nos cedeu gratuitamente, um aparelho fotográfico de alto custo, que nos permitiu a copiosa documentação fotográfica do trabalho; os Srs. Comandantes da Base Aérea, Cel. Nelson Asdrúbal Carpes e Maj. Carlos Jorge Mirândola, que nos deram carta branca para a exploração de jazida, situada em terrenos da Base; o Sr. Dr. Buechele Junior, Diretor do Departamento Estadual de Geografia e cartografia e o Desenhista Moacir Coelho, que elaboraram os croquis topográficos da jazida e da disposição de parte dos esqueletos. Agradecemos, também, aos colegas professores e empregados que nos ajudaram nos escavações. (Rohr, 1959:199).*

Endereço da Autora:

Rua Raul Machado, nº 232, Centro
88.020-610, Florianópolis, SC.

Fone: 222-5248

ENCONTROS

Teológicos

Esse artigo aborda o legado de Paul Ricoeur, um dos maiores filósofos cristãos do século XX, nascido em 1913 e ainda em atividade. O autor pretende simplesmente partilhar um pouco o "dom de si" do filósofo, fonte de uma sabedoria realmente comunicativa. O percurso de Ricoeur é um convite a não ceder ao ceticismo e ao cinismo, e a reencontrar as vias da Esperança na Memória retrabalhada. Desse "percurso" faz parte a experiência do sentimento de injustiça e de culpa, bem como as provações da Guerra e do pós-Guerra, e os grandes encontros com textos e autores. Diante da injustiça e do mal, o texto é para Ricoeur uma mediação e uma proteção. O autor mostra também quais as fontes de inspiração da "Pequena Ética", a dissociação entre Ética e Moral, o encontro com o Direito e a ontologia do Direito. Concluindo, aprendemos com Ricoeur que, além da Justiça, está a possibilidade do Perdão. Não é fácil, mas não é impossível.

Reencontrar as vias da Esperança na memória

O Legado de Paul Ricoeur

Pe. Márcio Bartel

Doutorando em Filosofia, com tese sobre Paul Ricoeur, no Institut Catholique de Paris, e reitor do Seminário Teológico de Caçador em Florianópolis

